

Para superar a dicotomia entre jornalismo e engajamento político

Kamila Bossato Fernandes

Doutoranda; Universidade do Minho, Braga, Portugal; Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil
kamila.fernandes@gmail.com

RUSSELL, Adrienne. **Journalism as activism:**
recording media power. Cambridge: Polity,
2016.



O jornalismo profissional estabeleceu-se historicamente associado a valores que o afastam da tomada de posição, em nome da neutralidade e do equilíbrio, como caminho necessário para alcançar a verdade. Práticas jornalísticas engajadas politicamente, associadas, sobretudo, a uma mídia radical (DOWNING, 2001) ou alternativa (ATTON; HAMILTON, 2008), nunca deixaram de existir, mas foram, em grande medida estigmatizadas como um jornalismo de má qualidade (CARPENTIER, 2011).

As intensas e recentes transformações no ambiente midiático e, como não poderia deixar de ser, no campo do jornalismo, com a inserção de novos atores entre os produtores e com o estabelecimento de novos fluxos de circulação e de apropriação da informação, têm feito com que nos deparemos cada vez mais com práticas jornalísticas que assumem a defesa de certas causas sociais – fenômeno que tensiona ainda mais o campo jornalístico, que segue repleto de incertezas, em um cenário no qual empresas jornalísticas procuram saídas para se manterem relevantes e rentáveis (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Em meio a todo esse contexto, a pesquisadora norte-americana Adrienne Russell (2016), em seu livro *Journalism as Activism: recording media power*, propõe-se a refletir

sobre as interligações entre o jornalismo e o ativismo, e também sobre a forma como práticas jornalísticas se têm transformado ao incorporar valores que superam o mero ato de dar “os dois lados da história” e se hibridizam a um engajamento político declarado.

Para tratar do assunto, a autora parte de protestos sociais que ganharam visibilidade midiática ao redor do mundo (*Occupy Wall Street*, em 2011, *People’s Climate March*, em 2014, e *The Day We Fight Back*, em 2014, todos nos Estados Unidos), sobretudo pela divulgação em sites de redes sociais, mas não apenas: meios de comunicação tradicionais acabaram por também dar visibilidade às vozes dos ativistas envolvidos.

Entretanto, mais do que abrir espaço às pautas dos ativistas, Russell demonstra o quanto iniciativas midiáticas que nasceram no ambiente dos protestos, como a veiculação em *streaming* das manifestações, começaram a influenciar práticas jornalísticas. Além disso, também trata sobre como jornalistas que se envolveram com causas sociais passaram a adotar práticas e posicionamentos diferenciados, rejeitando os preceitos da chamada “objetividade jornalística” em nome da prestação de um serviço que consideram mais relevante ao público.

O livro é dividido em cinco capítulos, nos quais a pesquisadora buscou esmiuçar diferentes aspectos da prática jornalística-ativista, como as redes de distribuição do conteúdo informativo, ferramentas utilizadas para produzir e compartilhar o conteúdo, exemplos de práticas lideradas por profissionais da vanguarda midiática e, finalmente, uma discussão sobre o poder dos *media*, meios de produção e difusão de comunicação social.

Para realizar o livro, a pesquisadora entrevistou, entre 2011 e 2015, 76 pessoas, entre elas jornalistas, mídia-ativistas e desenvolvedores de tecnologia. Para a análise, as entrevistas foram combinadas com coberturas jornalísticas, fóruns de discussão, sites e outros conteúdos publicados sobre os protestos. Em destaque, no quarto capítulo, Russell detalha a prática de quatro profissionais que considera da vanguarda midiática ao inovarem a produção jornalística, assumindo um papel ativista: Bill McKibben (jornalista atuante na cobertura das mudanças climáticas), Glenn Greenwald (conhecido por ter trazido à tona documentos vazados por Edward Snowden), Tim Pool (que inovou ao cobrir o movimento *Occupy*) e Juliana Rotich (ativista digital que atua na difusão de ferramentas de comunicação para grupos humanitários).

Mais do que defender um jornalismo ativista, a autora propõe, com essa obra, que se repense o jornalismo não como um modelo fechado, mas como uma prática imersa na disputa de poder, em que vozes antes invisibilizadas passaram a gerar influência, trazendo

não só relatos “objetivos”, mas afetos e paixões por certas causas – o que se dá pela presença, no ambiente digital, das *hackativist sensibilities* (sensibilidades hackerativistas, em tradução livre), responsáveis por alterar até mesmo a lógica midiática, que passa a ser pautada pela participação, pelo envolvimento, pelo engajamento – e o jornalismo não teria como ficar fora disso.

Referências

ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n. 2, p. 30-88, 2013.

ATTON, Chris; HAMILTON, James. **Alternative journalism**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.

CARPENTIER, Nico. Contextualising author-audience convergences: 'new' technologies' claims to increased participation, novelty and uniqueness. **Cultural Studies**, London, v. 25, n. 4-5, p. 517-533, July/Sept. 2011.

DOWNING, John. **Radical media**: rebellious communication and social movements. Thousand Oaks: Sage Publications, 2001.

Recebido em 19/01/2018

Aceito em 28/04/2018

Copyright (c) 2019 Kamila Bossato Fernandes. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

